

**2.ª Conferência Nacional de Professores Aposentados**  
21 de novembro de 2017 | Isabel Lemos, dirigente do SPRC/FENPROF

---

Colegas:

Há quem não goste nada de ser incluído no grupo dos velhos...

Será talvez interessante lembrar aqui e agora a evolução do conceito de velhice. Se nas culturas primitivas: velhice era igual a sabedoria, já na cultura clássica, à velhice associava-se doença. Bem mais tarde, chamemos-lhe no Mundo moderno, velhice corresponde à reforma. Defendemos que deve ser garantida a reforma àqueles que trabalharam 40 anos, independentemente da sua idade. Esta é a opinião da IR-CGTP que devemos todos continuar a defender intransigentemente, enquanto não alcançamos melhores condições para os educadores e professores, dado o desgaste da profissão. Ainda recentemente aquando da discussão sobre longas carreiras contributivas, acabou por se verificar que não é este o entendimento dos decisores políticos.

Desde o início desta década, passou a haver discussão, produção de pensamento sobre o conceito de envelhecimento ativo, muito particularmente desde que a U.E. declarou 2012 como o ano do envelhecimento ativo. Muito se escreveu, debateu mas concluiu-se sempre o mesmo: para o pensamento actualmente dominante, para a UE, o envelhecimento ativo significa essencialmente trabalhar até mais tarde. Ora envelhecimento ativo e solidariedade entre as gerações são duas faces de uma só realidade. Dado o aumento da longevidade e para que esta não recaia sobre as gerações mais jovens, a comunicação de massas e os fazedores de opinião veiculam ideias alarmantes: as sociedades estão a envelhecer, a fecundidade está em queda, as pensões estão em risco, ou seja, enfrentamos uma “bomba demográfica” e por isso a população ativa tem de suportar o “fardo” das pensões, que consomem cada vez mais riqueza, já que uma “sociedade dos mais velhos” é cada vez menos produtiva.

Estas mensagens são falsas, simplistas e manipuladoras. Não se diz que os jovens de hoje têm menos filhos, entre outras causas, porque têm menos recursos, já que se confrontam com mais precariedade e com a instabilidade do futuro; que os trabalhadores descontam sobre os seus salários para garantir as suas pensões; que as sociedades são mais e não menos produtivas. Ora as mesmas instituições europeias que defendem o envelhecimento ativo e a solidariedade entre as gerações aplicam políticas de austeridade que destroem empregos, provocam o aumento das desigualdades sociais, da pobreza e da exclusão, promovem o individualismo em nome dos mercados, impõem o aumento da idade legal da reforma e o retrocesso, atacam as pensões e não dignificam os trabalhadores mais velhos, como se faz no recente Livro Branco, publicado em Março deste ano em Bruxelas. A mensagem de fundo do Livro Branco sobre as pensões é que tem de se trabalhar até mais tarde, incluindo nas profissões de desgaste rápido.

Na verdade, ser “ativo” não é apenas estar em boas condições físicas ou integrar a força de trabalho. A finalidade da existência não é trabalhar mas ter bem-estar, qualidade de vida.

Sem a criação de empregos para todos e todas não há envelhecimento ativo.

Sem Serviço Nacional de Saúde, com serviços de proximidade de qualidade, não há envelhecimento ativo.

Sem uma ação universal e respeitada das ACT (Autoridade para as condições de trabalho), não há envelhecimento ativo.

Sem um ambiente limpo e saudável não há envelhecimento activo.

Colegas:

O posicionamento da União Europeia (UE) visando impedir a reposição e conquista de direitos e rendimentos pelos trabalhadores, reformados e pensionistas portugueses demonstra o carácter anti-democrático dos instrumentos por ela invocados (Semestre Europeu, Governação Económica, Tratado Orçamental, etc.) e dos objetivos visados: a exploração e o empobrecimento. Mostra como a luta em defesa de direitos e aspirações de quem trabalha ou trabalhou é indissociável da luta pelo fim dos instrumentos de domínio supranacional da UE e pela recuperação das parcelas de soberania sem as quais a justiça social e o direito ao desenvolvimento do nosso povo e do nosso país não serão concretizados.

Os tempos são negros. O risco de pobreza dos idosos na Europa é maior do que para a população como um todo (13,2% contra 9,5% em 2015) e o de mulheres aposentadas superior ao dos homens (em 2014: 20,2% contra 14,6%) e em 2050: 30% das mulheres com mais de 75 estarão abaixo do limiar da pobreza.

Cabe-nos desempenhar um papel ativo na solidariedade, na cooperação e na unidade na ação em defesa dos interesses, direitos e aspirações dos reformados, pensionistas e idosos em estreita cooperação com os colegas que estão nas escolas; cabe-nos envolver-nos nas suas lutas que são as nossas como estas devem ser as deles. Cabe-nos envolver-nos nas organizações sindicais porque somos também nós os sindicatos. Na verdade os sindicatos não são uma organização abstrata, sem rosto, mais ou menos fluida, qual ente fantasmagórico. Sem sindicalizados não há sindicatos; então constituamo-nos como arautos: cada um de nós deverá ter a missão de passar a mensagem da importância da sindicalização na reforma. Já não temos carreiras e reposicionamentos para reivindicar, mas temos essa enorme reivindicação: uma aposentação digna e devidamente enquadrada financeiramente e ao nível da saúde, da formação contínua, do reconhecimento de plena cidadania. E colegas, se não o fizermos, ninguém o fará por nós.

“Vivemos num mundo de conhecimentos cada vez mais amplos e, ao mesmo tempo, cheio de riscos e perigos devido à loucura humana de domínio”. Há dias, no jornal Público,

António Damásio alertava para a necessidade imperiosa de alargar e aprofundar a educação e a cultura como meio de evitar que os homens se matem uns aos outros.

O mundo moderno obriga a construir novas formas de organização e gestão de recursos humanos para que os homens e mulheres muito particularmente os trabalhadores e trabalhadoras possam viver melhor por mais tempo, ser mais felizes, para que possam chegar até ao fim sem que ninguém lhes tenha “roubado o mundo”, usando a expressão de José Saramago na sua comovedora carta à avó Josefa.

Colegas, não deixemos que nos roubem o mundo!

Viva a 2.ª Conferência de Docentes Aposentados da FENPROF!

Obrigada!